

O Progresso Catholico

... sequor autem, et quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesus

ID. 13. 14.



COMO O VEADO SUSPIRA PELAS FONTES DAS AGUAS

(Psalm. xli, 1.)

SUMMARIO:—Secção Religiosa: *O Mandato*, pelo Padre Joaquim José Soares; *A Semana Santa*, pelo Padre Francisco A. Carlos das Neves.—Secção Scientifica: *O Congresso de Bruzellas—A escravatura africana*, pelo R. Padre Alexandre Le Roy, da Congregação do Espirito Santo, no Zanguebar; *Jurisprudencia canonica*, por F. A.—Secção Critica: *A Inglaterra e o Direito internacional moderno*; *Percam se as colonias mas salvem-se os principios*, por Carlos das Neves; *O socialismo na Alemanha*, pelo P. J. A. R.—Secção Bibliographica.—Secção Illustrada, por R.—Secção Necrologica, por D. P.—Secção Litteraria: *A Adoração da Cruz*, por Rangel de Quadros.—Secção de Communicados, por ***.—Retrospecto, por M. F.

Gravuras: *Como o veado suspira pelas fontes das aguas*; Dr. Francisco Hettlinger.

SECÇÃO RELIGIOSA

O MANDATO

Exemplum enim dedi vobis, ut quemadmodum ego feci vobis, ita et vos faciatis.

Dei-vos o exemplo, para que, assim como eu vos fiz, assim tambem o façais.

S. João, cap. XIII, v. 15.

CHRISTO Senhor Nosso foi sempre o exemplar e mestre da vida christã. *Magister vester unus est, Christus* (1).

A sancta doutrina e os exemplos de Jesus, sempre nos indicaram o recto e verdadeiro caminho da salvação.

Mas quando acabou de ceiar com os discipulos, o Soberano Mestre, como querendo epilogar todas as suas lições, dá-nos um mandamento novo que, ratificado com a força do exemplo do proprio Salvador, parece encerrar toda a substancia da moral christã. Dou-vos, diz Christo, um novo mandamento: Que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei, para que vos ameis mutuamente. *Mandatum novum do vobis: Ut diligatis invicem, sicut dilexi vos, ut et vos diligatis invicem* (2).

A vida de Jesus, a sua preciosa e innocente vida, foi cheia de provas, as mais categoricas e brillantes, de humilhação, do amor que tinha ao homem, e do empenho com que baixava do ceo para outorgar a felicidade ao mesmo homem.

Descendo á terra, Jesus esconde todos os attributos da sua grandeza: veste, voluntariamente, a forma de servo. Nascendo em Belem, escolhe, para aposento, uma cabana rustica, e, para berço, uma vil mangedoura. Sujeita-se, como peccador, á lei da Circumcisão, e vive, quasi trinta annos, obediente á voz d'um pobre carpinteiro.

Chegado o tempo de publicar sua doutrina, Jesus préga sempre humilde mente e manda nos, expressamente, que aprendamos d'Elle a ser mansos e humildes de coração. *Discite a me, quia mitis sum, et humilis corde* (3).

E, como se tudo isto fosse ainda pouco, como se tantas recommendações, tantos exemplos, não fossem ainda bastantes para confundir a soberba e altivez dos homens,—assim como o pae amoroso que, proximo á morte, chama os filhos, e, antes da ultima benção, lhes recommenda o mais essencial da sua doutrina em que foram educados—Jesus Christo, antes de se apartar e despedir de seus discipulos para dar começo á sua Paixão, quiz deixar-lhes bem impressa a grande importancia da virtude da humildade, dando-lhes, na baixa acção de lhes lavar os pés, um exemplo mais sensivel e ellicaz de que todos os preceitos: um exemplo que nos obriga a ser humildes para com nossos irmãos, assim como o Salvador o foi para com seus discipulos. *Exemplum enim dedi vobis, ut quemadmodum ego feci vobis, ita et vos faciatis.*

A humildade é um caracter proprio do christão; é uma virtude que o faz conhecer e distinguir dos adoradores das falsas divindades. Jesus Christo, na qualidade de Mestre, nos recommenda o exercicio d'esta virtude, como um signal proprio dos seus discipulos.

O Divino Mestre não diz:—Aprendei de mim que sou o Todo Poderoso: aprendei de mim que sou o que afugento os demonios, e faço prodigios; que amanso os ventos e sereno as tempestades; que sarou os enfermos, resuscito os mortos, e domino a natureza.

Não: o Divino Mestre não falla d'este modo, mas, sim, diz:—Aprendei de mim que sou manso e humilde de coração. *Discite a me, quia mitis sum, et humilis corde.*

Eis o *mandato* grande e novo que Jesus nos dá e recommenda—o sancto preceito da humildade.

E onde brillou mais a humildade do Filho de Deus, que no mysterio que a Igreja recorda em quinta-feira sancta?

Homens vaidosos, soberbos e altivos: fixai os olhos no Cenaculo. Vêde esses treze homens tão pobres e humildes, e que, no exterior, em nada se distinguem dos mais desprezados entre o povo! Vêde esses homens, a quem agasalham os corpos umas tunicas de asno!

levanta um que, depondo as suas vestiduras, põe n'uma toalha, e cingese. *Cum accepisset linteam, praecinxit se* (1). Deita elle mesmo agua em uma bacia, e, com admiração dos demais que, suspensos, esperam o fim d'uma acção tão extraordinaria, começa a lavar-lhes os escabrosos e callejados pés, e a alimpar-lh'os com a toalha com que estava cingido. *Mittit aquam in pelvim, et capit lavare pedes discipulorum, et extergere linteo quo erat praecinctus* (2).

Ah! Quem serão estes homens? Aquelles, a quem se lavam os pés, são pescadores.

Mas quem é Aquelle que lh'os lava? Se esta interrogação se fizesse ao mundo, responderia:—Aquelle é entre todos o mais infimo, pelo ministerio que exercita.

Mas... não!...

Sabeis, ó nobres e soberbos da terra, quem é Aquelle que assim se abate aos pés d'uns pobres pescadores? Aquelle é um homem tão nobre, que tem dentro em si mesmo a fonte de toda a nobreza e magestade! Aquelle é um homem tão nobre, que tem a ascendencia de reis, de summos sacerdotes, patriarchas e varões illustres: tão nobre, que é o successor e herdeiro legitimo do sceptro de Judá! Aquelle é um homem tão nobre e elevado, que não é somente homem: é—Homem-Deus!

Sabeis, ó ricos avaros, quem é Este que tanto se humilha, e que é tão pobrezinho, no mundo, que nem sequer teve com que pagar ao Cesar um pequeno tributo? Sabeis quem é? E' o que possui absoluto dominio sobre todo o ouro e preciosidades que esconde o seio da terra e o fundo do mar; sobre os thesouros dos reis e imperadores, e sobre toda a vossa riqueza!

Homens que vos desvanecéis com as dignidades e officios publicos: Sabei que Este, que tanto se abaixa, é um Senhor omnipotente, a cuja voz obedece a natureza toda! Foi Elle que, com uma só palavra, creou o ceo e a terra, e tudo o que existe. *Omnia per ipsum facta sunt* (3). E vós sem Elle, grandes e dignatarios do mundo, nada podeis

(1) S. M. de XXII, 10.

(2) S. J. de XII, 13.

(3) S. M. de XI, 20.

(1) S. J. de XII, 13.

(2) S. J. de XII, 13.

(3) S. J. de XI, 3.

fazer. *Sine me, nihil potestis facere* (1). O tremer da terra, o encapellar das ondas, o rugir da tempestade, o fuzillar do relampago, o serpejar do raio, e o ribombar do trovão, apenas são leves indícios do seu poder!

Oh! E como se rebaixa este Senhor omnipotente!

Como assim são dissipados todos os pretextos do orgulho e da ufania!

Mas que vemos ainda no Cenaculo? Vemos a Suprema Santidade abatida aos pés do crime e da injustiça!

Vemos Jesus aos pés de Judas Iscariotes, discipulo traidor!!

Oh!... Excesso da humildade de nosso Deus!...

Poderá haver mais profundo grau de abatimento?!...

Christo não deixa de lavar os pés de um discipulo que o ha de negar com juramento; de outro que ha de ser incredulo; de alguns que hão de resonar quando Elle padecer as agonias do Horto; e, finalmente, do discipulo malvado e perverso, que ha de vender o sangue de seu Mestre!!...

Tudo isto, porém, é para nossa instrução.

Jesus Christo patentea, com o seu exemplo, que nós, os christãos, não devemos ensoberbecer-nos, nem mesmo diante dos maiores peccadores. «Nunca permittaes, diz-nos a Escripura, que a soberba domine nos vossos pensamentos ou nas vossas palavras, porque n'ella teve principio toda a perdição». *Superbiam nunquam in tuo sensu aut in tuo verbo dominari permittas: in ipsa enim initium sumpsit omnis perditio* (2). É a soberba uma fonte envenenada. d'onde dimanam todos os peccados. *Initium omnis peccati est superbia* (3).

A humildade deve, pois, acompanhar o christão em todos os tempos. em todos os logares: é necessario que o christão seja humilde para com todas as pessoas. Não é só o preceito de Christo que nos intima esta doutrina; é tambem o seu exemplo. *Exemplum enim dedi vobis*...

Diabolica soberba! Vai... vai para os abysmos aonde arremessaste os maus anjos! Não vivas mais entre os christãos, pois que o Christo te argue com os seus exemplos! Aparta-te para o logar das trevas exteriores: o Deus Eterno depoz os poderosos do throno, e exaltou os humildes. *Deposuit potentes de sede, et exaltavit humiles* (4).

O' tu, preciosa e pacifica humilde, fundamento solido da vida christã! Vem... vem encher os corações dos

fleis; vem habitar nas almas dos que se prezam de discipulos de Jesus Christo. Padim da Graça, março de 1890.

P.^o Joaquim José Soares.

A Semana Santa

DALDADAMENTE se procuraria por todas as religiões falsas do mundo um culto tão magestático e prodigioso como o que esmeradamente patenteam as grandiosas solemnidades do Catholicismo. As magnificencias assombrosas d'este culto, que demoveram vivamente até a commoção o espirito de Castellar e até o de Diderot, harmonisam-se justa e fundamentadamente com a evolução social de toda a vida humana, e com o tirocinio successivo da propria natureza, em que o curso regular das estações do tempo parece como que associar se gratamente ás commemorações da vida terrena de Jesus...

Ainda que o culto da Religião Catholica, denominadamente santa e divina, não houvesse inspirado alguma outra manifestação mais que as ceremonias liturgicas da *Semana Santa*, d'essa recordação epica, como diz Wiseman, de seculos antiquissimos da Igreja, bastariam só estas para immensamente surprehender e attrahir os suffragios unanimes de todas as gerações e de todos os povos.

Não é possivel descrever bem os esplendores fulgurantissimos d'esta epopeia mysteriosamente tragica, em que a Igreja commemora os ultimos dias da existencia de Jesus Christo sobre a terra,—desde o Seu ingresso triumphante na cidade de Jerusalem até ao Seu desapparecimento transitorio sob a algidez do tumulo. Para cada um apreciar satisfactoriamente o sublime poetico e grandioso d'estes quadros edificantes, arrebatadores, é preciso vêl os reflectidamente, presencial-os bem, embeber e condensar mudamente todos os sentidos n'essa synthese harmoniosa e edificante d'um templo catholico n'esta grande semana, maior, muda, indulgente, santu, luctuosa, antepascal, negra, authentica e ultima, como indistinctamente lhe chamou a primitiva christandade grega e latina.

Esta semana de *Xerophagia*, no classico dizer grego, abre imponentemente no Domingo de Ramos com essa scenica unica e magestosa que symbolisa a pessoa sympathica do Salvador, transitando a custo pelo meio de Jerusalem, envolto n'uma floresta viridente de palmas e em meio de deliramentos entusiastas de *hosannas* com que o povo

julgou dever glorificar o depois d'um seu prodigio descommunalmente portentoso em Bethania. Mas como este passageiro triumpho de Jesus em Jerusalem correspondia precisamente ao preludio dos soffrimentos do Redemptor, a Igreja dá começo tambem logo á incruenta e commoventissima *Paixão*.

Tudo aqui é esplendidamente bello! Expraia-se bem a vista por essa variedade enorme de decorações deslumbrantemente maravilhosas e caracteristicas do tempo, perfumadas a instantes por espiraes aromatissimas de balsamo e incenso que evolvem atravez da penumbra symbolica do templo.

Applique se attentamente a audição ás harmonias maviosas da musica e dos canticos, d'um effeito surprehendentemente inspirador, n'esse spectaculo unico e edificantissimo já na tarde de QUARTA FEIRA das *Trevas*, exprimindo com uma perfeição inimitavel o pensamento inspirado e amarissimo dos agiographos.

Que inexcidivel belleza essa Psalmodia cadenciada de David, pranteando ternamente na sua harpa as affrontas gravissimas ao seu Senhor e a morte cruciante do Homem-Deus!

Que assombro indescriptivel n'essas *Lamentações* dolofosas de Jeremias, deplorando com a dôr mais intensa as ruinas saudosas de Jerusalem e o supplicio tormentoso da Augusta Victima!

Que eloquencia arrebatadora a d'essas supplicas penetrantes da Igreja, convidando com o «*Jerusalem, Jerusalem, convertere ad Dominum*...» os seus fleis á ancora da penitencia, e todos os descrentes ao redil da conversão.

A quinta-feira santa é singularmente pathetica e encantadora. Iniciando os seus officios maravilhosos com uma opulencia de gala deslumbrantissima, para commemorar de uma forma condigna a instituição infinitamente augusta da Eucharistia,—transforma-se depois n'um contraste magnificientissimo de tristeza e de lucto despojando até ao Sabbado Santo os mesmos altares de tudo o que denota o minimo adorno ou ornamentação.

É tambem n'este periodo de tempo luctuoso que emmudece o bronze alegre e vibrante dos sanctuarios, e é substituido pelo som torvo da matraca pavorosa e plangente.

Na tarde d'este grande dia ostenta-se o episodio que mais divinamente substancia a grandeza do verdadeiro ideal evangelico: é quando a pessoa eminente do Prelado, ou d'um seu representante que então presida, depondo as vestes symbolicas da realteza e cingindo o gremial humilde de linho branco, se roja triplicemente aos pés de treze servos em abluções e oscu-

(1) S. João, XV, 5.

(2) Tob., IV, 14.

(3) Eccli., X, 15.

(4) S. Luc., I, 52.

los a um e um, exemplificando assim ao orgulho do genero humano, esse *Mandatum novum* transcendentemente inaudito.

A *sexta-feira santa*, ou de *Parasceve* passa-se apparatusamente lugubre. Na tristeza d'um silencio sepulchral e n'um abysmo de sombras profundas inaugura-se este dia com a funebre *Missa dos Presantificados*, por entre um ceremonial complicadissimo e commovente.

Depois, o assumpto monumental d'este dia, o objecto summo e venerando que a Igreja expõe à devoção fervorosa dos crentes, em meio dos echos lanceantes do *Trisagion* e dos *Improperia*, é a *Cruz*, esse lenho originalmente tosco e ignobil, mas que a expiação complacente do Filho de Deus immortalisou heroica e providencialmente.

Adoração, ainda que impropriamente, dissemos nós, com referencia à *Cruz*, secundando fundamente assim a tradição de seculos remotissimos da christandade; mas, em attenção ás honras excelsas da Victimia que n'ella su perabundantemente expirou, a Igreja costumou sempre prostrar-se reverente e humilde perante o instrumento nobilissimo da crucifixação. *Adoramos* profundamente esse labaro sacrosanto como patibulo reparador arvorado no Golgotha, e que, feita a promulgação victoriosa do salvifico *Consummatum est*, depositou nos debeis braços da Santissima Mãe o corpo examine do divinissimo Salvador.

E' n'este dia e então que a Igreja rememora esse drama pungentemente desolador, em que a angustiosissima Virgem ainda que exhausta de forças com os prantos d'uma dôr incomparavel, se sacrifica em tributar ao thesouro inerme de seu Filho, prostrado alli junto à *Cruz*, as ultimas honras de um verdadeiro amor de Mãe. Da *soledade* cruciante da Santissima Virgem compartilharam ainda dedicadamente o predilecto discipulo João e umas virtuosas mulheres, tambem, como ella, mergulhadas n'um immenso pelago de amarguras.

Mas não desenrolemos mais por agora este sudario atrozmente dilacerante.

Os restantes officios liturgicos d'este dia tornam-se uma santa elegia continua.

O ultimo dia d'esta Semana, ou o *Sabbado Santo* começa por apparecer semelhantemente triste e luctuoso; não tarda porem a reassumir algum jubilo, a reanimar-se com a esperanza que magnificamente exprime o incomparavel *Exultet*. Esta anciosa ideia transforma-se depois n'uma realidade, palpitante e viva, quando a entoação ma-

gnetica da *Gloria in excelsis*, semeilhante à influencia luminosa d'uma descarga electrica, transfigura as trevas densissimas do sanctuario em fulgores irradiantes d'uma luz esplendida.

Incommensuravelmente bello! O mesmo coração insensivel e petrificado do incredulo alli se immerge involuntariamente n'um extasis de contemplação prolongadissima.

Desde então a primorosa liturgia da Igreja, e com ella a unanimidade catholica dos fleis, não cessa de entoar por um glorioso periodo de tempo esses jubilosos e classissimos cantos de *Alleluias*, que são como que as definitivas *solemnia verba* da emancipação suprema da humanidade inteira.

Espectaculo magestoso e unico na historia vastissima das religiões!

P.º Francisco A. Carlos das Neves.

SECÇÃO SCIENTIFICA

O CONGRESSO DE BRUXELLAS

A escravatura africana

Pelo R. Padre Alexandre Le Roy,
da Congregação do Espirito Sancto,
no Zanguebar

(Continuado do n.º anterior)

IX.—Erro é crer que medidas prohibitivas, um bloqueio, por exemplo, tendente a impedir a importação de armas e a exportação d'escravos, se conseguiria em breve trecho, a exterminação do trafico.

Primeiramente, fôra preciso que este bloqueio fosse effectivo, durante annos e annos, desde Suez a Durban, isto é, n'uma extensão de 60 graus ou 3:000 leguas aproximadamente, levando em conta as curvas. Quem poderá e quererá encarregar-se de tal trabalho?

Ha mais porém. N'este particular a experiencia encontra-se feita: bloqueio d'esta natureza tem-o nós ha oito mezes no Zanguebar. Facil é desde já calcular-lhe os resultados. Quaes são elles? Esta parte da Africa está fechada aos europeus; o commercio, suprimido; as estações fundadas no interior à custa de tantos suores já não podem abastecer-se e estão ameaçadas em sua existencia. Tão pacificos outr'ora, os indigenas, vendo-se hoje privados por nós dos diversos artigos que procuravam, e entregues, com pura perda, aos musulmanos que os mortificam, os exploram, os aterrorizam e sublevam, mais e mais se vão irritando contra o europeu e pergun-

tam o que lhe fizeram elles para que assim fossem tratados.

E, não obstante esse bloqueio, oh! coisa digna de lastima! jamais se viu em tão grande escala o commercio d'escravos, a ponto de, no Zanzibar, em Pemba, na Arabia, em toda a parte emfim, baixar o seu preço a menos de metade. A mim mesmo, de volta d'uma estação do interior, me roubaram quatorze homens: o que não succedia quando estes paizes e esta gente estava sob a auctoridade do sultão do Zanzibar. Não são expedidos todos estes escravos por mar, é certo; mas uns são repartidos pelas diversas propriedades que possuem os arabes em toda a costa, enviados outros para as proximidades do paiz dos Somalis, onde se não acha estabelecido o bloqueio para d'alli passarem à Arabia; outros finalmente ficam em reserva para n'um momento proprio, serem embarcados.

Relativamente a polvora e armas, apesar de havel-as em quantidade entre os escravatistas, não tem deixado ellas de passar um só dia. Escondem-nas nos barcos da pesca, e estão promptos a alijal-as apenas surja no horisonte qualquer navio de guerra ou chalupa a vapor. Com relação aos escravos, os traficantes sabem-se avir com equal astucia. D'antes, a polvora e as armas eram repartidas quasi por equal, de sorte que as aldeias ou tribus ameaçadas, podiam defender-se: hoje, possuindo só armas os escravatistas da costa e podendo tambem obter munições, acham-se em condições muito mais vantajosas com respeito aos infelizes negros, que mal lhes poderão resistir. Pobres negros, cuja salvação se promettia com o estabelecimento do bloqueio e que foram perder, entregando-os a deshumanos escravatistas!

Ah! O bloqueio! Ponham-no embora em execução, e pelo tempo que quizerem, se julgam tirar d'elle algum proveito, mas não o façam em nome da escravatura, não!

X.—Finalmente é um erro servirem-se da palavra d'um missionario do Tanganika, para acreditar serem sufficientes algumas centenas de soldados, a fim de se fazer dispersar toda a cafila de negreiros. Evidentemente este missionario quiz falar de todos os escravatistas, *proximos da sua missão*. Não se podia intender d'outro modo. E d'estes mesmos falava d'um modo theorico. N'este sentido dizia elle que, bem armados, perfeitamente munidos, e mui ao corrente da geographia local, respeitadas dos povos confinantes e sobretudo extremamente ageis, se apresentassem em campo 300 soldados europeus contra 3000 escravatistas, seria provavel que estes ultimos bem

depressa se veriam postos em debandada. Mas que adviria d'ahi? Dispersos, mas não *aniquillados*, os escravatistas tornar-se-iam mais arrogantes de futuro, fazendo o maior mal possível aos europeus em todos os pontos do interior, retalhando-se em diversos grupos seguindo estas ou aquellas vedas, evitando os encontros perigosos, detendo as caravanas, e tornando, para o futuro impossível o accesso da Africa; alem d'isso, alimentando-se parcamente, conhecendo os accidentes do terreno, nada tendo a receiar do clima, ageis como antilopes e capazes, n'um dado momento, de, alliados com uma tribu guerreira, marcharem sobre um posto militar, e á força de violentos e repetidos ataques, obrigarem-no a ceder.

Mas podem dizer-me: «Vede Emiu-pachá, Stanley, Joubert, Wissmann! Ah! vemos, vemos. E' mesmo por vel-os que mais e mais nos fallece a esperanza.»

Emiu-pachá vive, é verdade, depois de ter implantado o islamismo n'um paiz que o não conhecia; assimilha-se porém áquelle soldado que pretendia ler feito um prisioneiro porque o prisioneiro o segurava firme...

O exemplo de Stanley vem comprovar a minha these: graças á sua energia e pratica dos paizes africanos, pôde passar atravez de regiões em que muitos ficariam para sempre; mas, se, em vez de ter por alliado Tipou-Tipou o tivesse por adversario, ha muito que Stanley deixaria de existir.

Com referencia da Wissmann, que não está no interior, mas no litoral, quanto mais bate a Africa, mais ella se lhe fecha; e quanto mais bater me-nos conseguirá.

Será necessario accrescentar a estes nomes os de Baker, de Hlicks, de Gordon que tambem foram pachás, o de Ilans Meyer que ha pouco foi preso no caminho de Pangani, o qual a estas horas deverá ter trabalhado como um negro ás ordens de qualquer escravatista, e cujas armas e munições tão uteis são, n'este momento, a Bushiri e a seus partidarios? Será preciso citar os nomes de tantos viajantes a quem seus carregadores desampararam, antes mesmo de terem feito metade da jornada?

Resta o capitão Joubert, cujas solidas qualidades, espirito recto, caracter religioso, pacifico e modesto, o distinguem notavelmente entre os demais. Casado como uma christã indigena e consequentemente tornado africano, estabeleceu-se em Mpala e alli tem continuado as tradições do fundador da estação, o capitão Storms, da antiga associação internacional. Diz-se que no estado actual pode defender a missão

contra uma aggressão estrangeira, e por este motivo, conservar a uma certa distancia os escravatistas. Eis uma bella conquista. E como as outras missões demandam similhante organização, é possível, mas não certo, que d'isto recolham grande proveito. Mas d'aqui a pretender extinguir os escravatistas ou a enviar contra elles escoltas de voluntarios, hão-de confessar que ha grande distancia... E' esta pelo menos a nossa opinião.

Finalmente, até'gora não se tratou dos gastos excessivos, talvez com detrimento d'obras mais importantes em si mesmas, e em todo o caso sem probabilidades de resultado com a organização e manutenção de eguaes expedições, nem das difficuldades diplomaticas que ellas por certo levantarão. Não é esta a nossa tarefa. E demais, é bem debil a nossa voz para ser escutada; mas, talvez se consiga por ella, á falta d'outro resultado, o não serem accusados os missionarios, estando como estão em face das difficuldades da empreza, de se não atreverem a manifestar-as com a franqueza que lhes cumpre.

(Continua.)

Jurisprudencia canonica

CONSULTA

PERTENCE ao parochos o direito exclusivo de prégar ou escolher prégador para as festas que se celebrarem na sua igreja?

No caso negativo, que crime commette o parochos que recusa, sem motivo justificado, o prégador approvado, nomeado pelo festeiro?

Um assignante.

A quem assiste o direito de prégar nas festas das egrejas parochiaes?

RESPOSTA

A prégação da palavra divina é um acto de jurisdicção, que ninguem pode exercer sem commissão do bispo. Consta do *cap. excommunicamus*, 13 § *quia vero*. E por esta razão só ao bispo compete approvar os prégadores que julga aptos pela sua sciencia e virtudes sacerdotaes, para annunciar com edificacção dos fleis a palavra de Deus. Por quanto o munus de prégar pertence propria e principalmente aos bispos. E' por isso que no acto da sua sagracção se lhes diz: «Accipe evangelium, vade praedica populo tibi commissio».

S. Paulo, escrevendo a Timotheo, conjura-o por Deus e Jesus Christo a que pregue, admoeste com toda a paciencia e doutrina. E na sua Epistola aos Corinthios: «Si evangelisavero, non est mihi gloria: necessitas enim mihi incumbit: vae mihi si non evangelisavero.»

O Conc. Trid., pondo em vigor os antigos canones, impõe-lhes esta mesma obrigação, quando os não dispense um legitimo impedimento.

Depois dos bispos incumbe uma tal obrigação aos parochos, sob a mais tremenda responsabilidade, caso não cumpram frequentissimas vezes este dever sagrado, da mais urgente e impreterivel necessidade, pois é um preceito não só ecclesiastico, mas tambem divino, como o declarou o Conc. Trid. nas seguintes palavras: «Cum praeepto divino mandatum sit omnibus quibus animarum cura commissa est, oves agnoscere, pro his sacrificium offerre verbiq; divini praedicatione... pascere. (Sess. XXIII, c. 1, *de Ref.*)»

O direito que os parochos tem de prégar na sua igreja, é de tal ordem, que ainda mesmo que o bispo prégue em qualquer festividade, teem ainda assim o direito de dirigir a palavra aos seus fleis *inter missarum solemnias*, como o decidiu a S. C. do Conc. *in Terrulen. de 11 de junho de 1631*; e assim o ensina tambem o nosso Barbosa. (*De off. et protest. Parochi, part. I, cap. 14 num. 3*).

Porisso se os parochos quizerem, por si mesmos, nas suas egrejas exercer o munus da prégação, ninguem os pode impedir, como diz Barbosa no lugar citado, e como o declarou a S. C. do Conc., explicando o *cap. II, sess. V de Ref.*, dizendo: «Si curatores animarum per se velint munus praedicationis obire, non debent impediri.» (Veja-se Barbosa no lugar citado, n. 5).

Mais ainda: no tempo da quaresma podem os parochos prégar de manhã nas suas egrejas, ainda mesmo que haja o costume de só se prégar na matriz ou n'outra igreja, como o decidiu a S. C. *in Florentina juris praedicationi, de 26 de janeiro de 1697*. (Veja-se Monacelli, *part. I, tit. 10*).

Portanto, já da exposicção d'esta doutrina pode ver o nosso consulente que, desejando o parochos prégar, só a elle pertence o fazel-o na sua igreja por direito proprio, e os festeiros não o podem de modo nenhum impedir.

Mas advirta-se, que se elle quizer usar do seu direito de prégar em qualquer festividade, perde, a não ser livremente convidado, todo o direito a receber qualquer retribuicção do povo ou dos festeiros pelo seu trabalho, pois, como parochos, tem o dever de o fazer gratuitamente.

SECÇÃO CRITICA

A Inglaterra e o Direito internacional moderno

III

(Continuação do n.º antecedente)

O direito canonico todavia não prohibe que o parochio receba retribuição por suas prégões, uma vez que livremente o queiram convidar para ellas, ou haja qualquer legado para este fim. Afora este caso, ainda que o parochio allegue pobreza, não pôde nem tem nenhum direito a receber qualquer esmola pelos seus sermões.

Assim o ensina Barbosa em diversos logares das suas obras, em conformidade com a decisão da S. C. do Conc. in *Vestana* de 10 de março de 1621.

E é bem justo que assim seja: os fleis que dão a esmola, tem por isso mesmo o direito de escolher um prégador da sua feição, uma vez que seja dos approvados pelo prelado diocesano, para exercer o officio de prégador; pois não o sendo, tambem o parochio não deve consentir que o exerça, ainda mesmo que fosse um bispo.

Todavia, canonistas de grande nome como são: Navarro (in *Manc. c. 2, n. 141*), Barbosa (*De offic. et potest. Parochi* no logar citado) e outros, ensinam que o parochio pode dar a algum douto ecclesiastico licença de prégar por duas ou tres vezes.

Uma vez que o prégador tenha autorisação do seu prelado, os parochios não só podem negar lhes, mas devem conceder-lhes liberdade de prégar na sua parochia, como o decidiu a S. C. do Conc. segundo refere o mesmo Barbosa (in *Trid., sess. 24 de ref. c. 4, n. 8.*)

Do exposto já pode concluir o nosso consulente: 1.º que ao parochio assiste o direito exclusivo de prégar na sua igreja, querendo fazel o sem retribuição; 2.º que se assim o não quizer fazer, tem de acceitar aquelle prégador que lhe apresentarem os festeiros, com quanto seja approvado pelo prelado diocesano.

Mas caso se recuse a acceital-o, pergunta o nosso illustrado consulente, que crime commette um tal parochio?

Que saibamos, o direito canonico, não inflige nenhuma pena espirital ou temporal contra os parochios que assim procedem. Certo é porem que incidem em injustiça contra os festeiros, que por isso que dão a esmola, tem o direito de escolher um prégador do seu gosto; contra o prégador que desarrazoadamente regeitam; e offendem o seu proprio prelado, reprovando o que elle tem approvado. E tanto aos festeiros como ao prégador repellido sem motivo justificado, assiste o direito de reclamarem ao prelado contra a grave injustiça commettida.

F. A.



Muito que os sinceros portuguezes, que sabem amar a sua patria de preferencia a mesquinhos e torpes interesses pessoais, que limbram de arcar de nodadamente com a torrente de doutrinas erroneas, preconceitos miseraveis a entenebrecerem tão avultado numero de intelligencias, affirmam com destemida franqueza que a conservação das colonias, membros valiosissimos da nação, depende da cultura civilisadora que a metropole lhes deve inculcir. Um dominio meramente platónico em todos os tempos o contestam a razão e a justiça, e no tombar do seculo XIX harmonisa-se com a razão e a justiça a tendencia européa, que violentamente se manifesta n'umas urgencias notaveis de expansões civilisadoras.

Nações que jamais colonisaram entram animadamente n'este glorioso labor, e aquellas para quem é lei a doutrina positiva e o interesse material, esmagam os direitos alheios, quando não sejam defendidos com a entepidez emanada do cumprimento do dever.

A Inglaterra atira-nos ás faces, perante o tribunal da Europa e do mundo, a nossa vergonhosa incompetencia de colonisar, e por mais que procuremos entre os nossos diplomatas com temporaneos quem possua talento assás para nos defender, ninguem surge a erguer a luva que nos foi ignominiosamente arremessada. Clamores desordenados, protestos inefficazes, exposições de rhetorica por toda a parte n'uma superabundancia inesperada, mas tudo sem a força conveniente para obrigar lord Salisbury a dar-nos conta de seu proceder.

E' que tambem nós somos criminosos. Acceitamos a não-intervenção e a não intervenção mata-nos. Demais, o estado anemico das nossas colonias cobre-nos d'um pejo que nos confunde e nos entibia. Os thesouros que nos conflou a Providencia, a nós os primeiros chamados á missão gloriosa de civilisar o mundo, enterramol-os estupidamente em vez de os pormos a render juro precioso. A consciencia nacional confrange-se agora ao peso enorme de seu delicto, que a esmaga mais duramente que a mão assassina da *fel aliada*.

Que temos feito em prol de nossas

colonias? Como temos correspondido ás aspirações de tantos povos acolhidos á sombra de nossa gloriosa bandeira? Haverá motivo para que nos chamem auxiliadores ou expoliadores? Na memoria d'elles merecerá a metropole ser lembrada com a grata saudade de mãe acaravel ou de madrasta impiedosa? Se a metropole descara predulariamente o bem moral e ainda o bem material das provincias coloniaes, se não quer, não sabe, ou não pode instruir na academia do progresso os povos que seus maiores adquiriram, se é balda de coragem para lhes arar as planicies, explorar as minas, utilizar as florestas, abrir os canaes, dirigir as estradas, edificar as villas e as cidades, por que titulo as retém debaixo de seu dominio? que vantagem tem em mira obstinando-se em não abrir mão d'ellas?

A incuria que nos deshonra á face da historia acha-se comprovada pelo aspecto miseravel das nossas possessões, desde o Cabo Verde até aos confins de Timor. Alguns algarismos são documento incontestavel do desleixo em que jazem os bens que nos legaram nossos paes. Afóra a Inglaterra e a Hollanda, outra nação não ha, possuidora, nas regiões d'alem-mar, de mais dilatados territorios que Portugal. Medem 1.800:000 kilometros quadrados (1) com 3.300:000 habitantes, isto é, um habitante e oito decimos d'habitante por cada kilometro quadrado!!!

Por sua parte a Inglaterra, nos seus dezenove milhões de kilometros quadrados com 210 milhões d'habitantes, offerece, em cada kilom. quad., uma media de população de 11 habitantes; a Hollanda, n'um milhão e novecentos mil kilometros quadrados, uma media de 14 habitantes; a França, uma de 10 habitantes em um milhão e quinhentos mil metros quadrados; a catholica Hespanha dá a media de 20 habitantes nos quatrocentos e vinte mil kilometros quadrados de suas possessões. Não perguntamos onde temos uma cidade como Bombaim, o Cabo, Madrasta, Manilha, Melbourne, Borneo ou Sydney; apontamos sómente para os numeros expostos, que attestam com rude clareza o crime de lesa-humanidade de que tem sido réos os nossos ultra-desastrados governos.

Se queremos o respeito da Europa, mostremos-lhe os titulos justificativos das nossas acções briosas; digamos-lhe quanto hemos feito pela civilisação e o progresso; signifiquemos-lhe ser dignos de caminhar ainda, a par d'ellas, na conquista da gloria.

Civilisemos pois.

Não se gaste a nossa actividade no

(1) Vinte vezes mais que a superficie do continente.

erro moderno de não só abandonar, mas desprezar os hábitos tradicionaes, e apodar os antigos de ignorantes, grosseiros e servís. Não se esqueça que a nossa ruina data precisamente do tempo em que principamos a ser vaidosos em variar o trilho que nossos antepassados seguiram por largos seculos. Retomemos nosso posto, convictos de que o futuro nos deve pertencer ainda. Temos a animar-nos as lições de casa e exemplos ininterruptos de fóra. Emquanto em Portugal uma parte de patriotas, puníveis em face não só da Carta Constitucional, mas das mesmas leis de Solon, Lycurgo, Zaleuco e Numa, se levantam, na hora de imminente perigo, a dividir os animos com insultos a um distincto e amantissimo Prelado, os nossos inimigos exercitam *pari passu* os seus missionarios e os seus soldados.

Qual d'esses patriotas falou em missionarios?!... Qual d'esses patriotas os apontou como *ellicaz meio de despertar as colonias do torpor* que ha tanto as paralysa? Nenhum; que elles não amam as colonias, não amam a patria: de idéas orientadas á moderna «julgam, como diz Cantu, consentaneo com as doutrinas correntes o ensinar que o unico Deus é o homem, o unico poder o numero, a unica lei os instinctos, o fim unico o ir gozando em quanto se póde». *Comamos e bebamos, que d'umhã morreremos*: eis tudo. Pois os nossos inimigos sabem quanto vale um missionario. Ha talvez dez annos que o *Spectator*, jornal inglez, affirmava «que Portugal guerreando o missionario, destrua o elemento mais preponderante da conservação e desenvolvimento coloniaes», e a usuraria Albion despeja, com uma abnegação digna de melhor causa, o ouro de seus cofres, estipendiando o missionario protestante, que interesseiro como digno membro de semelhante nação, se não anima a deixar os lares sem o conforto da esposa e dos filhos, e, conseguintemente, sem uma retribuição que farte avantajada.

A primeira interjeição levantada entre o missionario protestante e aquelles que o enviam, dizem os *Annales Catholiques* (1), é: «Quanto vou ganhar?» O céo não é tido em conta n'estes singulares contractos; a fé, no intender dos protestantes, é quanto basta para ganhar o céo, e essa tanto a encontram na patria, ao calor temperado do fogão de seus gabinetes, como n'um paiz estrangeiro; e d'est'arte a missão d'um ministro anglicano, tanto mais preciosa quanto mais remunerada, é uma das mais ambicionadas por isso que é, também, uma das mais productivas.

«Mas, perguntar-nos-ão os leitores, d'onde vem o dinheiro necessario?»

No missionario protestante, mormente no inglez, continuam os *Annales*, ha sempre duas pessoas: o agente do governo e o agente das sociedades biblicas. Mais que tudo o missionario é um agente do governo, e por este titulo cumpre-lhe alcançar para o Estado, que o envia, um minimo de interesses que attinje annualmente duzentos e cincoenta a trescentos mil francos. Em troca d'estas vantagens o Estado concede ao missionario e a toda a sua familia passagem gratuita, protecção de suas armas em paiz estrangeiro e um premio proporcional ao desenvolvimento dos negocios commerciaes realisados, o que facilmente explica a circumstancia de ser o missionario inglez sa-gaz commerciante, por conta propria ou alheia, e aculir por elle o governo, com umas susceptibilidades irritantes, quando alguém se atreve a tocar-lhe. Apesar de negociante, não se esquece o missionario de mostrar-se de vez em quando emissario das sociedades biblicas, para fazer jus aos gordos ordenados que d'ellas lhe adveem, ordenados que, segundo as aptidões, exigencias ou linura do contractante, orçam entre dois e seis contos annualmente! São rios de ouro (DEZ MIL CONTOS!!!) gastos em cada anno com o exercito de missionarios espalhados em todas as colouias inglezas, em todas as nações do mundo, inclusivè em Portugal onde ha já grande numero de *egrejinhãs protestantes*, e em nossas infelizes colonias, onde ha tantos annos enxameiam os presbyterianos, os methodistas, os evangelicos, a profusa congerie em que se encontra dividido o nefasto erro da Reforma.

E nós que temos feito? que fazemos actualmente? Onde a nossa coragem para futuro?

Miseria!

O snr. marquez de Sá aconselhava tenazmente *que se não mandassem missionarios ds colonias para evitar conflicts*. Esta asserção mina pela raiz a bravura do snr. marquez de Sá, que se *nobilitou* a matar irmãos, mas não teve assás coragem para cumprir o dever, elle soldado da patria, elle trinta vezes ministro (1), com o receio de melindrar as irritabilidades injustificadas da *sementida aliada*. Se um tal receio entra como força importante na direcção que nos cumpre dar aos projectos de engrandecimento ou conservação das colonias e da metropole, não somos já um povo livre, somos uma provincia fatalmente encravada nos vastos domínios

de sua magestade graciosa. Estes receios geraram no animo do governo inglez desprezo completo pela força de que dispomos, e incitam-no a proseguir placidamente no plano de progressiva annexação, unindo-se aos poderes do Estado e á influencia da igreja protestante o elemento ponderoso do commercio, como se ha evidenciado na larga experiencia de tantos annos, e recentemente na fuzão das duas grandes sociedades africanas—a «British Sout African Company» e a «Africa Lakes Company».

Tudo se conspira contra nós, tudo nos abate. Somos um povo escolhido de Deus, mas aljuramos a nossa crença, encensamos aos falsos idolos, e por isso Deus nos abandona em poder dos Phillistéos. Sofremos em punição de nossos delictos.

Como Monsenhor Almayer, bispo de Bagdad, clamava ha pouco em França, seu berço natal, podemos também clamar: «Sem as Missões, o prestigio da nossa patria será perdido no Oriente. Rogo á Virgem Immaculada que levante a nossa querida patria, a torne christã, e ella, por sua caridade, pela dedicação de seus filhos, continuará a dilatar o reino de Deus!»

Em janeiro de 1885, partindo para a China, no ultimo quartel da vida, o Padre Manuel Lourenço de Gouvêa, que em Macau passara quarenta annos, dizia nos em despedida: «Vou morrer no Oriente, e o que mais me mata é ver que os governos são os algozes das colonias, não lhes mandando o clero de que precisam.»

O veneravel sacerdote pouco mais tempo durou. Seja elle hoje no céo um intercessor nosso, implorando redempção da sua e minha patria, por meio d'uma *ellicaz evangelisação colonial*.

(Continua).



«Perçam-se as colonias mas salvem-se os principios»

Já já decorridos cerca de tres mezes que os brazões honrosos de Portugal receberam vergonhosamente o mais affrontoso insulto do Governo Britannico, e já por ahí se extranha que esse arranco louvavel de patriotismo, que então surgira espontaneamente de todos os cantos de Portugal, não haja esmorecido e estancado até hoje um só momento.

Diz se que é para extranhar este brío continuo e intensissimo, mas não é sem fundamentos solidos e bem documentados na lastimosa experiencia. Pois quem, sobranceiro nobremente á mesquinha

(1) Não ha exaggero. O snr. marquez de Sá foi chamado ao ministerio mais de trinta vezes.

esphera dos interesses, tenha observado maduramente a organização governativa de Portugal n'este ultimo seculo, viria presenciando hora a hora que os dictadores dos seus governos, recostados só aos padrões do seu passado glorioso, similhavam dormir a somno solto, olvidando desdenhosamente a progressiva vitalidade que ia pelas nações mais cultas do mundo.

O primeiro e mais profundo golpe que nos principios d'este seculo dilacerou Portugal na sua organização intima foi indubitavelmente a desmembração radical de seus filhos em duas ciu mentas e poderosas facções, inimigas duramente implacaveis, e que, desgastadas por alguns annos n'uma lucta sangrenta e renhiddissima, em breve extinguiram deploravelmente o sangue e o thesouro portuguez.

Subida ao capitolio da soberania a facção que conseguira obter em campo o sceptro do predomínio, esta cedo se estalou e subdividiu em numerosas facções, extremamente rivaes e ambiciosas, e que desde então até hoje, visando antes a proxima consecução de seus fins, que a devida morigeração e prosperidade do seu paiz, se teem gladiado sem consciencia e sem trégua para a conquista alternada do poder. E n'este vai-e-vem de conquistas e de sorte ao empolgamento temporario do governo, Portugal, compassivo, ia soltando por momentos clamores plangentissimos; e seus proceres e governantes ouviam-n'os inteiramente impassiveis. Era em vão que Portugal via, que a pretexto futil de *tolerancia* lhe desprestigiavam desfarçadamente a sua religião, e que a sombra proverbial de *brandura* lhe prostituíam com descaramento os seus costumes. Quasi moribundo ia elle olhando para o derrocar successivo dos seus monumentos, para o fraquejo disciplinar dos seus exercitos, para o esphacelamento completo de suas esquadras, e, como força unica e resultante, o desaparecimento do seu glorioso imperio colonial. Os governos, porém, fieis escravos de seus *principios*, ouviam com a maior frieza o echo d'estes lamentos.

Alguns mais francos e conscienciosos dos que por coincidência hão envergado nobremente a banda do poder não teem calado nem occultam ainda por vezes o insensato e até impolitico procedimento d'estes discordantes governos. Ainda ha bem pouco, em pleno santuario das leis portuguezas, no curto parlamento do corrente anno, um talentoso ex-ministro e nobre Par do reino exprobrava indistinctamente a incuria dos ultimos governos portuguezes.

N'esta senda resvaladia Portugal, extenuado e inerme de forças physicas e

moraes, e consequentemente exposto ao desprezo e molejos dos governos extranhos, ninguem com franqueza deillardação das Ordens Religiosas, ousou xará de legitimamente deduzir—que foi a desvairada politica dos seus governos que propriamente facilitou, ou melhor offereceu as faces nobilissimas da Nação à injuriosa affronta de Salisbury.

E hoje, abeirados com risco enorme à imminecia pavorosa do precipicio, todos aconselham e bradam com instancia pelos orgãos da sua imprensa, que «é preciso muito tino, muita perseverança e muita energia para sustentar a dignidade do poder e da nação n'esta conjunctura, porventura a mais séria e extraordinaria que tem vindo n'estes ultimos tempos.» (1)

Extinctas como foram deploravelmente em Portugal todas as Ordens Religiosas, n'uma epocha vingativamente moribunda, o maior erro e palmar que as gerações presente e vindouras jámais perdoarão ao *constitucionalismo* descrente da nossa patria, é, sem contestação, não reorganisar limitada ou illimitadamente, ao menos nas colonias, aquellas indispensaveis instituições,—provado como está até à maior evidencia que são na verdade as *missões*, *maxime* as das Ordens Religiosas, o salvaterio, o elemento mais preponderante e moralizador de todas as colonias, implantando a illustração nas já existentes, e addicionando a estas outras novas regiões. Esta asserção attestam-na e evidenciam na quotidianamente todos esses exploradores. O nosso intrepido e memoravel Serpa Pinto, essa gloria de quem Portugal justamente se orgulha de ser berço e patria, esse celebre africanista que por ahi tem sido gloriosamente o heróe e o alvo de tão calorosas quão intimas aclamações,—repto, o nosso memoravel Serpa Pinto chegou em tempo a advertir descaramente ao governo que não daria mais um só passo nas regiões africanas, se porventura o não auxiliassem com o apoio excellentes e indispensavel das *missões* catholicas. Ignoramos qual seria então a resposta do governo: por via de regra tambem diria tacitamente que se lhe oppunha a veneranda lei dos *principios*.

Por varias occasiões se tentou sollicitar dos governos as *missões regulares* para as nossas possessões ultramarinas, mas sempre baldadamente. Nas Camaras dos Pares de 1877-1878, se a memoria nos não engana, o illustre Par do Reino Sr. Miguel Osorio, fanatico integerrimamente acerbo dos *principios* dominantes, receiando perante aquellas insistentes tentativas que as

(1) Correspondencia de Lisboa para o *Commercio do Porto* de 1 de Março de 1890.

regiões colonias da nossa patria fosse oficialmente invadidas pela civilização das Ordens Religiosas, ousou proferir impudentemente, da sua tribuna parlamentar, esse lemma antipatriotico e conhecidissimo que nos serve e servirá de epigraphe, e que os governos constitucionaes portuguezes, EXCLUSIVAMENTE OS PORTUGUEZES, têm tão ufanosamente executado à risca.

Não se conjecture talvez, perante esta nossa derradeira asserção, que regateamos porventura aqui agora direitos ou ligitimidades de dinastias. Não, de forma alguma. Na lamentavel conjunctura, a que humilhanamente agora chegamos, fallamos só como filho dedicado da patria, que amargamente nos custa vel-a esphacelar-se de instante a instante.

Entretanto o salvo-conducto da *tolerancia* alastrou-se ao longe e ao largo pelas terras do reino, dentro e fóra do continente. No continente conhecia-o e presenciava-o clara e sobejamente Portugal inteiro. Fóra do continente bastará para agora apontar a summula das frequentes noticias que as mesmas folhas officiaes de então iam dando a seu tempo; por exemplo: de chegarem de Inglaterra a Lourenço Marques, a Moçambique, ou a Quelimane tantos e tantos *missionarios protestantes*,—de, por portarias do governo portuguez, serem dispensadas de pagar direitos nas alfandegas, todas as suas bagagens e mercadorias,—de, em virtude das mesmas portarias, dar-se-lhes toda a protecção possivel, recomendando-os inclusivamente aos capitães e demais auctoridades portuguezas no interior. Pois veja-se agora a recompensa das *missões* largamente protecctionadas pelo servilismo dos nossos governos:—Em uma carta, ha pouco dirigida de Quelimane a um cavalheiro de Lisboa, o Sr. Pimenta Albuquerque lê-se o seguinte: «... SERPA PINTO APREHENDEU... N'UM COLLEGIO DE MISSÕES PROTESTANTES UNS COMPENDIOS DE GEOGRAPHIA NOS QUAES SE DIZ SEREM OS PORTUGUEZES UNS BARBAROS, SELVAGENS, ANTROPOPHAGOS, E QUE PORTUGAL NÃO PASSA DE SER UM POVO INSIGNIFICANTE, DEBAIXO DO PROTECTORADO DE INGLATERRA...»

Bastar-nos-ha por agora esta pequenissima amostra. N'outro, ou n'outros artigos subseqüentes, se as nossas forças o permittirem, registaremos em esboço a pratica d'este aviltante principio no mesmo estalar flagrante do proprio conflicto luso britannico.

Carlos das Neves.

O socialismo na Allemanha

Um acontecimento dos mais notáveis d'este seculo está sobresaltando os espiritos, não somente na Allemanha onde se deu, mas em toda a Europa: é o triumpho dos socialistas nas ultimas eleições para o Reichstag.

Póde afirmar-se afontadamente, sem receio de exageração, que a maioria das populações industriaes da Allemanha são socialistas: Berlim e Hamburgo elegeram Liebknecht, Singer e Bebel. chefes do partido, homens de alto alcance intellectual e cuja influencia é immensa.

Bem disse um publicista apreciando

pondo se aos governos e exigindo prompta solução.

Que pretendem os socialistas? pedem aparentemente apenas uma nova legislação que torne menos penoso o seu duro labutar; mas na realidade querem uma repartição mais equitativa, dizem elles, das riquezas—fonte dos prazeres da vida; põem a mira na expolição



DR. FRANCISCO HETTINGER

Em 1871 só *dois* socialistas figuravam na camara; na legislatura transacta eram *onze* e actualmente subiram a 36, na primeira votação obtiveram para cima de 1.500:000 votos sobre 5.400:000 votantes, isto é, 28 p. c. da totalidade.

Este triumpho do socialismo é um dos phenomenos mais assombrosos da politica moderna.

este facto: é o acabamento d'um mundo, é uma nova orientação da politica, é o principio d'uma nova ordem de cousas:

«Magnus ab integro saeculorum nascitur ordo.» (1).

E' o advento da questão social im-

(1) Vig.: Egl. IV.

dos ricos e o seu *desideratum* cifra-se n'este lemma: *o capital aos operarios.*

A *revolução* iniciou nova ordem de cousas na economia publica (que hoje estamos vendo nas suas ultimas e funestas consequencias), unica e exclusivamente favoravel á burguezia. Esta tem usado e abusado das suas vantagens para locupletar-se espantosamente e por meio do seu ouro.

O novo Deus do mundo reina hoje despoticamente e pôde-se dizer que reduziu, sem dó nem piedade, os operarios, os pobres, os prolectarios a um estado deploravel, pouco differente da escravidão antiga. Victimias de leis iniquas: privados dos seus legitimos protectores—a Egreja e o clero; sem crença, pois que a burguezia com requintada malvadez lh'a arrancou do coração; explorados emfim, como despreziveis animaes de carga, os prolectarios abriram os olhos, e eil-os reveindicando os seus direitos, o seu quinhão de gôzos, em nome da sua dignidade humana, em nome da sua importancia social.

Quem poderia negar que não teem razão até certo ponto?

O operario não é tão sómente um vil instrumento, ou uma machina que produz ao patrão um tanto cada dia: este tem outras obrigações para com elle além dos minguados cobres, que lhe lança como se atira um pedaço de pão a um animal.

O operario é um ser nobre, digno de todo o respeito, imagem do mesmo Deus e dotado d'alma immortal com direito à felicidade eterna. Cumpre educá-lo, protegê-lo, guiá-lo, curá-lo quando enfermo, etc. etc.

A Egreja acudira a tudo isto admiravelmente com a sua antiga organização dos trabalhadores em corporações e irmandades que a Revolução levada pelo seu instincto satânico-homicida destruiu completamente.

Existem portanto dous socialismos, um justo e catholico e outro exagerado e revolucionario; ou melhor a questão social pôde ter duas soluções: uma pacifica e equitativa, outra violenta e destruidora das proprias bases da sociedade.

A Egreja catholica afirma que vem restabelecer a organização do trabalho segundo o systema antigo, baseado na justiça e na caridade, com as modificações exigidas pelo estado actual das cousas; assim o intende Guilherme II, que participou ao Sancto Padre reconhecer a religião como base indispensavel da ordem social: a Revolução pretende completar a sua obra de destruição, modificando ou mesmo aniquilando o direito de propriedade, de modo que haja um unico proprietario—O Estado, e legiões e legiões de operarios, por quem se repartirá a riqueza segundo a capacidade e as precisões de cada um.

Claramente resulta d'esta theoria que, dado o caso que se realisasse, seria a suprema abjecção do individuo, a escravidão universal e a ruina da sociedade—o cahos moral politico e social.

O resultado das ultimas eleições al-

lemãs significa todavia o triumpho d'esta doutrina anti-social. D'ahi procede o espanto que se nota em toda a parte e o terror panico do joven imperador.

E' muito natural e perfeitamente logico que esta nova revolução, mais formidavel que todas as outras, tenha na Allemanha o seu foco e a sua iniciação.

«Os socialistas francezes, inglezes, italianos, disse Donoso Cortez que os estudara mui de perto, não passam de pigmeus se os compararmos com os seus irmãos da Allemanha». *Ab aquilone pandet omne malum.*

Da Allemanha nos veio a revolução religiosa com Luthero; a ultima revolução philosophica com Kant e Hegel; de Weishaupt e do Illuminismo maçõnico procede a revolução politica e economica, que explosiu em 1789 e agora com Kart, Lassale, Bebel etc., surge a revolução social.

O perigo é immenso, pois que o triumpho das revoluções passadas garante até certo ponto o bom exito d'esta.

Existe porém uma taboa de salvação—a Igreja catholica, mãe, amiga e uica protectora do povo. Pio IX e Leão XIII lançaram já as bases d'uma grandiosa e saluberrima organização do proletariado, posta em execução em parte pelo conde de Mun e o sur. Hanrel conhecido em França pelo bello nome de *pae dos operarios*.

Ultimamente Guilherme II reduzido aos maiores apuros e vendo malogrados todos os meios de repressão contra os socialistas lança mão, como todos sabem, do programma catholico e convoca um congresso em Berlim para conjurar o perigo, pondo-se resolutamente à frente do movimento socialista para tomar-lhe a direcção e tentar dominá-lo mantendo-o em justos limites. Que triumpho para a Egreja e a doutrina catholica!

Nem a força militar no seu maior auge, nem a habilidade politica com todos os seus maravilhosos recursos, ainda quando movidos por um *Blismark*; (1) nem uma legislação draconiana podem salvar a sociedade.

Bem o disse Thiers, guiado unicamente pelo seu bom senso «mais podem para atalhar os progressos do socialismo alguns conventos de Capuchinos do que a mais perfeita das legislações.»

Não ha meio termo: ou a sociedade se ha-de curvar de novo ante a Egreja, deixando-se curar pelas mãos caridosas d'essa celeste Infermeira, que

(1) Que, demittido, deixou Criapi, agora unico fautor da triplice alliança, n'uns tristissimos lençoos.

possue remedios para todos os males, ou a sociedade precipita-se do abysmo em que jaz n'outro abysmo ainda mais horroroso.

Haverá no cerebro dos homens politicos assás bom senso e lino para comprehender esta verdade?

E' muito para recear ainda mal! que não seja assim.

Seja porem como fôr, sabel-o-emos brevemente. Dil-o-ha o Congresso de Berlim, reunido no dia 15 d'este mez na patria de Martin Luthero, triste prognostico! mas talvez se realize a SALUTEM EX INIMICIS NOSTRIS e se comprehendenda allim o *fôra da Egreja não ha salvação* nem para os individuos nem para as sociedades, nem para a civilização.

P. J. A. R.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

«*Compendio de Theologia Moral*, do P. João Gury, da C. de J., augmentado com muitas correcções e accommodado aos actos mais recentes da S. Sé, principalmente à constituição do Nosso Sanctissimo Padre o Papa Pio IX sobre as censuras «*Latae sententiæ*» pelo R. P. Henriques Dumas, da mesma Companhia, professor effectivo de direito canonico nas faculdades catholicas de Lyão. Traducção portugueza sobre a quarta edição latina de Lyão e Pariz, respectivamente accrescentada com as leis patrias e brazileiras, casos reservados pontificios, diocesanos, etc. pelo Presbytero José Marques Rito e Cunha, revista por uma commissão de professores do seminario, nomeada pelo Ex.^{mo} Prelado Viziense. Editor proprietario José Maria d'Almeida—VIZEL».

A singular importancia d'esta obra, que apparece agora correctamente posta em vernaculo por quem ha muito tem evidenciado quanta homenagem consagra à pureza e belleza da lingua patria, resalta clara e indiscutivelmente do assumpto d'ella, dos nomes illustres do auctor e additador, da commissão que preside à edição portugueza e, por fim, das notas importantes que nacionalisa, por assim dizer, o substancioso trabalho do Padre Gury, conhecido em todas as nações cultas, e facultado agora aos que nos dois hemispherios fallam a lingua de Camões e Vieira, com todas as necessarias condições de segurança, de continuo inherentes a trabalhos d'esta natureza.

Podem pois os nossos leitores enriquecer suas estantes com mais uma obra preciosa, vertida, a começar na pag. 133, da ultima edição romana (9.^a) por se entender ser esta mais conveniente que aquella com que se principiou.

«*O Destino*, retiro em Nossa Senhora de Paris, pelo R. Padre Felix, S. J., versão da segunda edição pelo Padre L. A. A' venda na livraria Magalhães & Moniz, largo dos Loyos, PORTO». Obra dirigida aos christãos e a todos aquelles que sem o serem ainda, conservam todavia a crença em Deus, na Providencia e na liberdade. Com as suas seis primorosas conferencias é alampada luminosa, clareando as catacumbas doutrinarias, por onde atravessa hoje a pobre humanidade, cavando-se-lhe á direita e á esquerda abysmos insondaveis, em que é fatalissima a queda ou o resvalamento, abysmos traídosamente disfarçados sob uma fragil e illusoria superficie de flores, marcadas na topographia da sciencia com os nomes retumbantes de *atheismo*, *pantheismo*, *positivismo*, *metempsychosismo* e outros.

A obra do talentoso jesuita, que a tantos ha chamado das trevas do erro para os alvares da verdade, continuará a ser uma graça do céu para quantos a leiam com o desejo de acertar caminho que nos cumpre trilhar desde o berço ao tumulo.

Uma circumstancia que torna notavel a versão portugueza, é que seu producto liquido é destinado a obras de caridade.

«*Praticas sobre os mandamentos* e sobre outros pontos da doutrina christã, pelo abbade Custodio José da Fonseca Bastos. Opusculo de 125 paginas, in-8.º, com approvação do Ex.º Bispo de Vizeu.» E' volumezinho escripto em linguagem ao alcance de todos, compendiando admiravelmente os preceitos da moral, do qual devem fazer acquisição todos os que sabem ler. Nos annuncios d'esta *Revista* tem-se indicado onde se pode obter a obra a que nos referimos, á qual persagiamos grandissima diffusão, pois é realmente muito digna d'ella.

«*Respostas Catholicas ou Refutação dos principaes erros contra a Missa e o Purgatorio*, contidas no livro do apostata Guilherme Dias, intitulado «O que é a Missa» pelo Padre M. José Valente. Preço 140 reis.» Como resumo, em que substancialmente se encontram destruidos varios erros que um infeliz renegado quiz impingir como verdades, é volumezinho de proveitoso estudo e muy conveniente para propaganda.

«*Oração funebre nas solemnes exequias celebradas na cathedral d'Evora*, em 13 de novembro de 1889, pela alma de S. M. El-Rei D. Luiz I, pelo Ex.º Arcebispo de Perga.» Mais um producto preciosissimo, na forma, do singular talento do eminente Prelado, que tanto ha nobilitado o pulpito portuguez e a quem pedimos o continue a nobilitar, que é alli, realmente, seu verdadeiro lugar d'honra. Quanto á idéa sup-

omos ser prematuro ainda decidir dos actos d'um soberano, ha pouco ainda encerrado no tumulo. Praz-nos todavia que mais tarde o veredicto da historia venha harmonizar plenamente com os elevados conceitos do inspirado orador.

«*Brevissimo Mez de S. José*, dedicado ás almas que desejam imitar suas virtudes. Traducção do francez. Setubal, 1890.» Livrinho de sã doutrina e singularmente piedoso. Os corações devotos n'elle encontram facilmente aquella unção preciosa, auxiliadora da graça, e por certo uma das melhores prerogativas de composições d'esta especie.

SECÇÃO ILLUSTRADA

Como o veado suspira pelas fontes das aguas

(Vid p. 117)

PARA si creou Deus o homem como para o homem o mundo, que o sustenta com os infinitos productos enthesourados nos seios da terra, nos abysmos do oceano, nos domínios dilatados dos ares. Com seu verbo fecundo formou Deus a todo o homem, e com o mesmo verbo lhe proporciona pabulo substancioso.

Tem o homem corpo e alma?

Aquelle mundo, creado para sustentação do corpo, provê assombrosamente á sustentação da alma, instruindo a, como livro aberto, nos deveres sacralissimos e suaves, que prendem amorosamente a creatura, tão misera de si, ao Deus omnipotente e Auctor seu.

Ai d'aquelle que não lê n'esse livro! *Será inexcusavel e merecerá condemnação, porque reteve em captivo a verdade, fechando os olhos á luz*, diz o Apostolo.

«Os céos, diz Gaume, narram a existencia e a omnipotencia do Senhor; a terra, sua bondade, seu amor, sua terrível colera; as menores creaturas, sua altissima Providencia. As abelhas pregam-nos a obediencia e a caridade; a ovelha, a mansidão e desprendimento dos bons terrenos; as aves, a pureza; as estações, a edade do homem e a brevidade da vida; o insecto, que é crystalida e depois um novo ser cheio de belleza, annuncia nossa propria resurreição.»

Não ha virtude, não ha delicto que não vejamos indicado n'este grande livro, para o qual a Escripura Sancta, em cada uma das suas paginas, nos está chamando a attenção. Um ha que se distingue na prudencia? louvor tem n'aquellas palavras de David: «O varão que se não deixou ir após o conselho dos impios, será como a arvore plantada junto á corrente das aguas.»

Quer este descer aos intimos recessos da humildade? Soa-lhe aquell'outra sentença: «Eu sou um verme, e não homem, opprobio dos homens e abjecção da plebe.» Incide aquelle em pantano de torpezas, apagando em si o distinctivo de filho de Deus e herdeiro do céu? «Comparatus est jumentis insipientibus.» Falam as sagradas Lettras das prerogativas innumeradas da Esposa dos Cantares? «Pulchrae sunt genae tuae sicut turturis; Ego flos campi et lilium convallium.»

A nossa formosa gravura da pag. 117 é a reproducção fiel, na tella, d'um fragmentosinho d'esse livro immenso da criação, em que todos devemos lêr a vontade do Altissimo, e a traducção rigorosa da voz inspirada do propheta-rei: «*Como o veado suspira pelas fontes das aguas*: assim minha alma suspira por vós, ó meu Deus. Em sede arde a minha alma pelo Deus forte e vivo: quando apparecerei deante da face do meu Deus? Porque me conturbas? Porque estás triste ó minha alma? Espera no Senhor.» (1)

Como vemos, tudo, n'esse livro da criação, nos póde alevantar o espirito para aquelle Deus que nos formou. Assiduamente, estudemol-o pois, á imitação dos grandes Sanctos, n'esses globos immensos que circulam no espaço ou nas areias do oceano e nas florinhas do campo; no mastodonte que assombra as florestas, ou no microsoario que povoa a gotta d'agua. De crer é que o humilde de Assis, perpassando em sua mente inspirada a omnisciencia do Creador, manifestada nas creaturas, enunciasse o sublime *Deus meus et omnia*, tão repetido hoje por cada labio christão.

Dr. Francisco Hettinger

(Vid. p. 125)

A morte acaba de pôr termo (em 30 de janeiro ultimo) ao luctar incessante d'um valente campeão do exercito catholico, que tantos ha elle visto hastear a nobre bandeira e cair involtos n'ella no decorrer do presente seculo. Como os nomes gloriosos de Maistre, Frayssinous, Picot, Wisemann, Ravignan, Parisis, Gaume, Ginoulhiac, Balmes, Nicolas, Veuillot, Ponjoulat e tantos outros, ha de, por longo tempo ressoar nos labios do povo christão, o nome immortal do doutor Hettinger.

Nascido na velha cidade de Aschaffenburg, no reino da Baviera, começou desde seus primeiros annos a manifestar um notavel talento no estudo de preparatorios, que desabrochou ainda mais splendidamente durante seu cur-

(1) Ps. XLI,

so theologico. Coroando as lides escholares com os estudos do collegio romano, o doutor Hettinger consagra-se á pastoreação parochial, mas passados dois annos é chamado a tomar conta d'uma cadeira de Theologia no Seminario de Vurzburgo e porfim da de Patrologia na Universidade da mesma cidade.

Nas sciencias deixou Hettinger notabilissimos trabalhos, entre os quaes avullam a *Apologia do Christianismo*, vertida em portuguez e a *Apologetica*. Nas bellas lettras assumiu tambem logar distincto, sendo um entusiasta admirador de Dante, sobre cujas obras deixou varios escriptos.

A vida d'uma instituição mostra-se pelos homens que lhe pertencem: ora em presença de individualidades como a de Hettinger, é carencia de senso affirmar, como um hegelionista moderno. «que o velho espiritalismo não pode sustentar-se.»

R.

SECÇÃO NECROLOGICA



M Roriz, em sua casa de Singeverga, em 17 do corrente, falleceu no Senhor, com os Sacramentos e Benções da Igreja, D. Justina Rosa Moreira.

Noventa e um annos passou sobre a terra sem que jamais suscitasse uma queixa, um desagrado, um pezar. Quem a contemplasse, tinha a ventura de ver personificada a mansidão. O *in qua mensura mensi fueritis, remetietur vobis* jamais lhe lançou no espirito sombra leve de receio. Viviu para Deus, para os seus, para a indigencia. A ultima vez que a vimos, desprendida quasi da terra, pela anceanidade, demonstrou-nos, desenrolando o seu rosario branco, que devéras estava ligada ao céo, cuja união anhelava por seculos de seculos. Para que pois tão longa morada na terra, distante d'essa habitação dos justos? Para que d'ella aprendessemos, d'aquelle exemplo vivo, o modo de proceder na obtenção do premio que Deus outhorga aos que o servem.

Na pedra que lhe vela as cinzas, bem pudéramos, como nos antigos tempos, gravar-lhe o epitaphio seguinte: *Refrigeretur spiritus tuus in bono et pete pro nobis.*

Aos leitores piedosos recommendamos, com a mais viva instancia, esta alma que partiu para o Senhor.

D. P.

SECÇÃO LITTERARIA

A Adoração da Cruz

I

Contractos, vertendo lagrimas,
ante o altar ajoelhemos
e humildemente adoremos
o santo lenho da Cruz!
—Eis a Cruz! Está dizendo-nos,
que devemos adora-la,
pois ella sempre nos falla
dos tormentos de Jesus!—

De joelhos!... Esquecendo-nos
hoje dos odios do mundo
e, com respeito profundo,
vamos, pois, a Cruz beijar!
—Adoremos, em espirito
e com a fronte abatida,
o que perder quiz a vida,
por melhor vida nos dar!—

Ouçamos as sentidissimas
vozes, que inspiram tristura;
que recordam a amargura
do divino Salvador!
—Silencio! Não ouviste?! Queixa-se
de tantos filhos ingratos,
que lhe dão horriveis tratos
em troca de tanto amor!—

II

«Meu povo, que amei do intimo;
que sustentei no deserto;
que Eu protegia de perto
e de Pharaó libertei,
foste a vinha especiosissima,
que por minhas mãos plantára!
Escolhi-te, ó Nação chara,
p'ra seres o Povo Rei!

Que mal te fiz Eu? Responde-Me?
Tanto amor e sacrificios
tu pagaste com flagicios
e tamanha ingratidão?!
—Castiguei os primogenitos
de todo o povo do Egypto,
quando vivias afflicto,
gemendo na escravidão!—

Ao Pretorio conduzindo-Me,
minha cabeça feriste!
A minha morte pediste,
morte afrontosa na Cruz!
Com uma lança agudissima
rastaste meu terno peito
e, sem temor nem respeito,
insultaste o teu Jesus!

Por que meu Povo?! Elevando-te,
dei-te o sceptro da realaleza;
revesti-te da grandeza,
que nenhum povo terá!
E tu, da Cruz no patibulo,
Me levantaste despido,
tu, povo meu escolhido,
que Eu sustentei de maná.

No deserto conduzindo-te,
dei-te, por guia segura,
d'uma columna a espessura
e mandei se abrisse o mar!
—Attendi ás tuas supplicas,
os delictos perdoei-te,
dos inimigos livre-te,
quiz tuas chagas curar!—

Que mal te fiz?! Flagelando-me,
Povo meu, não te lembraste
do grande amor, que encontraste
em Mim ante os rogos teus?
—Cobrindo-me de improprios
esqueceram-te essas glorias
d'esses dias de victorias,
em que só te guiou Deus?!—

Eu, d'uma rocha durissima,
fiz sair de aguas um jorro,
quando triste e sem soccorro
te via á sede morrer!
—O' Povo meu! e tu pagas-Me
dando-Me, em vez de agua pura,
na minha triste amargura
fel e vinagre a beber?!—

Meu Povo, meu Povo, dize-me,
que mais fazer-te devia?
Protegi-te noite e dia!
Meu Povo, por ti velei!
—Por ti mandei, que os Egypcios
supportassem duras pragas!—
E tanto amor assim pagas?!
Dize, em que te contristei?!...»

III

Calam-se as vozes!... Erguera-se
da Cruz o estandarte santo!
E de triumphos um canto
agora se escuta já,
annunciando os mysterios
da cruz, que já resplandece
e ante a qual a humilde prece
um triumpho alcançará.

Salve, tropheu brilhantissimo,
ás victorias destinado!
Serás, no mundo, adorado!
Tu serás temida, ó Cruz!
Ornada de real purpura,
foste o lenho venturoso
d'onde pendeu o amoroso
e ternissimo Jesus!

IV

Ó dia, todo de lagrimas
e de tristes amarguras,
amado das almas puras,
ó dia da Redempção,
recordas os sacrificios
de Jesus, por nós morrendo,
e com seu sangue escrevendo
do mundo inteiro o perdão.

(Aveiro)

Rangel de Quadros.

SECÇÃO DE COMMUNICADOS

Sr. Redactor do «Progresso Catholico».

Rogo o assentimento de V. para admittir, no seu mui lido jornal, a declaração que junto envio, e cordealmente agradece sua deferencia o que tem a honra de se subscrever.

De V. etc.
Um Catholico.

DECLARAÇÃO

Em alguns jornaes da cidade de Braga e outras cidades do reino, li umas accusações feitas ao Arcebispo resignatario de Braga, D. João Chrysostomo d'Amorim Pessoa, prelado justo, sabio e virtuoso. Ocorrendo-me o desejo do que hoje faço, e não o tenho feito ha mais tempo, por me não ter sido possivel, apesar de ter remorsos d'essa demora, fazendo-o hoje com o fim especial de esclarecer as pessoas catholicas relativamente a similhantes infamias, que, como disse, ha tempo se levantaram contra um prelado, que dedicou a sua vida ao bem da Religião e da Patria; d'um prelado intelligente, que jamais trepidou ante as mais arduas tarefas. No Oriente lá deixou o seu nome glorioso, que ainda hoje é com respeito pronunciado; em Braga, ainda hoje se diz que só elle sabia ser grande e recto: os seus proprios inimigos confessam o seu alto saber. Um prelado que na Camara dos dignos Pares do reino disse em plena sessão e bem alto: Sou um BISPO CATHOLICO NADA MAIS, CATHOLICO NADA MENOS, NUNCA PERTENCI A SOCIEDADE ALGUMA SECRETA; um prelado que á hora da morte, abraçado a um Santo Christo, n'uma compunção edificante exclamou: *Todo o fructo do meu trabalho seja para os meus queridos pobres, e para os pobres seja tudo.*

Pois é a este excelso prelado que certa gente cura de macular a memoria honrada!

Mas que fazer? Está assim a nossa pobre epocha=A virtude incommoda os malvados.

Diziam os mesmos jornaes que ao nobre prelado se encontraram insignias maçonicas... Foi verdade que as teve, na sua quinta; mas junto d'ellas estavam as cartas dos contritos, prova de sua renuncia aos erros em que incidiram. Essas cartas ainda não appareceram, mas apparecerão um dia, quando a caridade não for vilipendiada. Emfim, só se cuida de insultar e nada mais.

Depois do fallecimento d'aquelle digno Prelado andaram os representantes da Misericordia de Cantanhede á cata d'uns castiçoes, que o seu bemfeitor (diziam elles) *tinha roubado* ás freiras Ursuli-

nas, e eram do tempo de Frei Bartholomeu dos Martyres.

Isto não merecia resposta, que as palavras dos taes representantes são de per si um labéo indelevel caído sobre quem as divulgou. Mas, em prol da verdade, que nos merece homenagem, digamos que os castiçoes foram comprados com um dinheiro (30\$000 rs.) que tinha crescido d'uma subscrição para o dinheiro de S. Pedro, e destinados a um bazar que se intentava fazer, no intuito de augmentar o mesmo dinheiro de S. Pedro. Não indo a effeito a idéa do bazar, de novamente voltaram os 30\$000 rs. ao cofre a que pertenciam e o sr. Arcebispo ficou com os castiçoes, uns castiçoes ordinarios, comprados, em segunda mão, a um ourives de Braga, pelo ex.^{mo} Deão D. Manuel Novaes, que nunca pertenceram a D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, nem ás freiras Ursulinas, e se foram do tempo do Veneravel Fr. Bartholomeu, é que os representantes da Misericordia de Cantanhede, por artes de sua estremada argucia, lhes descortinaram, não sabemos por que documentos, a preciosa valia e triseular antiguidade. Deus lhes perdoe, que recolhendo um tão avultado beneficio para os pobres do concelho de Cantanhede, cumpria-lhes, pelo sacrosanto dever da gratidão, zelarem a memoria de quem por tantos titulos lhes merece indiscutivel preito.

Agora que mais d'um anno se voltou sobre o fallecimento do venerando Arcebispo, convidado as pessoas catholicas a recitarem conmigo um *De profundis* pela alma do martyr da calumnia, que o perseguiu ainda além da campa.

RETROSPECTO

Roma.—A saude do Santo Padre continúa consoladora.

No anniversario de sua coroação, respondendo ao Sacro-Collegio, afirmou «considerar, desde seu advento ao pontificado, como especial missão que lhe authorgara a Providencia, manifestar ao mundo os preciosos thesouros da doutrina catholica, nos quaes se encontra cabal solução dos difficeis problemas que de presente agitam as sociedades. Só a revelia da razão humana pôde em parte annullar o poder da verdade ao qual oppõem as conquistas modernas. E' erro grave acreditar que o ensino catholico é incompativel com os progressos do estado presente das sociedades. Praza a Deus que os chefes dos povos ponham seus cuidados em extinguir a guerra accesa pela má instrução e a ruim imprensa contra a Igreja Catholica.»

O anniversario de Mazzini, o grande revolucionario, causou desgosto serio ao *signore* Crispi. Enthronado no poder, elle que tão radicalmente o combateu, não pode consentir que ninguem seja imitador de suas proezas. Os ambiciosos politicos são todos assim: uma logica quando pretendem, outra logica quando possuem.

Te-Deum pelo restabelecimento do snr. D. Miguel de Bragança.—O nobre partido legitimista, em acção de graças pelas melhoras sentidas pelo snr. D. Miguel, após uma doença grave que o prostrara, mandou celebrar na igreja dos Anjos, em Lisboa, um solemne *Te-Deum*, a que assistiu uma assembléa numerosa e selectissima. Não ha muito liamos na imprensa anti-legitimista, que defendia uma causa morta o distincto partido que teve em seu gremio caracteres immaculados, como o Gomes d'Abreu, João de Lemos, Casimiro de Castro Neves, e é presidido pela melhoria da nobreza de Portugal. Não; quem viu desapaixadamente a vitalidade manifestada n'este preito á Divindade pela saude restituida ao illustre proscrito, ficou plenamente convencido que a causa legitimista não está ainda morta.

O conflicto.—O espirito nacional continúa sobresaltado como ha dois mezes. Da parte do governo não se revelam cuidados em deslindar a trama que nos armou a Inglaterra. Parece mesmo que o que tão gravemente assusta os povos, é por completo indifferente aos que regem a nau do estado. Todo o seu afan tem sido applicado á infamia das eleições, acto que bem se pode considerar o centro d'este systema planetario. Nomeações, substituições, portarias, ordens, decretos, tudo gravita em redor d'aquella idea maxima.

Noticias graves publica a imprensa quotidiana, relativamente ao Chire. Um telegramma de Moçambique dizia: *Os inglezes occuparam o Chire covardemente. Fê punica! Traição! Infamia. Queremos a patriu desaggravada.*

O que ha de verdade? Não se sabe ao certo. O governo cala-se, não sabemos se por dever, se contra dever.

O que ha certo porém, é sobejarem motivos de desconfiarmos da lealdade dos nossos e da astucia dos estranhos.

Nossa Senhora de Lourdes.—Mais uma vez o Santo Padré abriu o cofre das indulgencias em favor das obras de Lourdes. O anno de 1890, como o anterior, distinguir-se-á por quatro *Perigrinações Espirituaes*, em 25 de março, 16 de julho, 8 de setembro, e 8 de dezembro. Aquelles de nossos piedosos leitores que desejem associar-se a esta abençoada obra, dignem-se pedir listas a esta redacção para serem enviadas

para as tres ultimas datas, visto estar passada a primeira.

Supponho que todos os dignos zeladores e zeladoras do anno findo receberam as estampas a que tinham direito. Se porem alguma as não recebeu, faça a mercê de nos avisar, para obviarmos a uma falta proveniente, não de nosso descuido, mas de extravio no correio.

Albergue de Santa Martha.—Continúa a medrar admiravelmente esta benéfica instituição. Razões ha para crer se tenham unido as bênçãos do céu á piedosa intenção dos instituidores. O numero dos irmãos, que em dezembro ultimo era apenas de 284, ascende hoje a 321, prometendo desenvolver-se de dia para dia. Internamente tem já 3 irmãos, e para cedo terá de receber mais. Sobre tudo isto, um facto avulta, que devéras nos consola, por indício valioso de que caminhando nós para o seculo vinte, caminhamos para um seculo de ordem: a Mesa resolveu mandar vir da ordem *portuguesa* de S. João de Deus tres irmãos *portuguezes*, a quem vai incumbir a administração interna do albergue, sendo esta resolução tomada no proprio dia de S. João de Deus. Feliz inspiração... patriótica idéa!

Nossos parabens á Mesa, e um pedido ao clero para que patrocine tão prometteadora instituição.

A trichinose.—Faltava-nos mais esta. A trichinose é doença mui antiga, mas cuja causa só ha poucos annos foi conhecida. Richard Owen, naturalista inglez, descobriu em 1835 a *trichina*, verme tenuissimo, do comprimento de 6 a 10 palmos, vivendo no interior do corpo humano, como o caruncho no cerne das arvores. Não ha remedio conhecido para o mal, mas podemos prevenilo, usando carnes que sejam sãs.

A carne de porco é a que de ordinario mais nos pode communicar este verme terrivel, quando a criação e a engorda se não façam com aturada limpessa, e a defumação das carnes não é assás prolongada, para que as trichinas, se as houver, possam morrer durante este periodo. O uso actual de preparar as carnes, ao menos nas cidades, com creosote ou qualquer substancia empyreumatica, é perigosissimo por que não mata os vermes.

No hospital de S. José, em Lisboa falleceu ha pouco Romão Villas, contaminado da *trichinose*. Em vista d'isto, a juncta consultiva de saude recommenda as precauções seguintes:

1.º—Evitar que o gado suino ingira carne ou os excrementos de animaes susceptiveis de serem inquinados de trichina, taes como: ratos, morcegos, toupeiras, coelhos, cães, gatos, aves e os vermes da terra.

2.º—Toda a carne de porco utilizada na alimentação deverá ser bem cosinhada, isto é, submettida a uma temperatura não inferior a 85 graus, sendo preferivel que o seja á de 100 graus.

3.º—A carne deverá ser cosinhada em pequenos bocados.

4.º—A carne (musculo), cosida ou assada, deve ser sujeita á temperatura acima indicada, pelo tempo que seja preciso, para que o calor penetre em toda a substancia.

5.º—A carne ensacada (chouriços, murcellas, linguicas, etc.) deverá tambem ser submettida a alta temperatura e pelo tempo conveniente, assim de se verificar a condição do numero anterior.

6.º—As grandes peças de carne de porco, como presuntos para fiambre, devem ser submettidos á cocção pelo tempo não inferior a 8 horas.

7.º—Nenhuma carne de porco, qualquer que seja o seu preparo, deverá ser empregada na alimentação, sem que tenha experimentado em toda a sua massa a acção de uma temperatura elevada e por tempo mais ou menos prolongado.

Brazil.—Parece que não enraiza a republica.—O mundo não anda tão cego como ha cem annos: viu, viu muito, muito, nas proesas republicueiras iniciadas em 1789 e protrahidas por todo este seculo. Aos olhos do povo bem apontam ainda, com um exaggero infame, algum erro commettido pela Inquisição (quem é que não cáe n'elles), mas o povo vê mais claramente os horrores verdadeiros de noventa e trez *et reliqua*. Exemplos vivos frizam mais indelevelmente que umas podres idéas *d'Roqueplan*.

Ha muitos annos disse Gavarni «que ainda podia ser que algum dia se viesse a crer em Deus», mas o sr. Ruy Barbosa, ministro da fazenda, intende ser ainda cedo e por isso, servindo-se do moderno invento de Edison, *phonographou* que em vez de só Deus é grande se devia dizer: *so o homem é grande*. O homem grande deveria ser elle Ruy.

O certo é que os fundos baixam sensivelmente; a força militar fracciona-se por divergencias continuas; as rivalidades fazem trepidar o governo; o povo sente fastio do novo regimen; os impostos crescem. Consequencia de tudo isto, ferve a intriga, o despeito, a repressão.

E' de esperar pois que o cavallo do general Deodoro não chegue a ser tão fatalmente celebre como o cavallo de Santerre.

Caiu Tisza!—Baqueou um despota, sustido no poder por largos quinze annos. N'um paiz de maioria catholica como é a Hungria, por tres lustros lidou um protestante amontuando iniqui-

dades, violencias, torpezas de toda a sorte! Foi um mandatario da maçonaria, e portanto um inimigo da ordem da moralidade, do bem real d'um povo. O velho imperador Francisco José consolar-se-ia por certo por não ter de avir-se com um falsario, que mais que os outros ministros o havia desprestigiado perante a nação e perante o mundo. E a estipendio de quem?

Não ha muito o pusilanime soberano, não se teve, que incitado pela vergonha, não dissesse ao ministro: *Por vossa causa vejo-me coberto de infamia*. Tisza, a estas palavras, encolhendo os hombros com a maior desfaçatez, retrocou simplesmente: *Mais me teem pago os Rothschilds por uma vez, do que me pagaria o imperador em cincoenta annos. A estes soberanos (aos Rothschilds) serve-os a gente de bom grado, porque são mais poderosos que o imperador.*

Cá e lá...

Lei militar e os seminaristas na Alemanha.—O *Monitor Official*, do imperio allemão publica o seguinte, com data de 5 de fevereiro de 1890:

«Nós Guilherme, por graça de Deus, imperador da Allemanha, rei da Prussia, etc.

«*Artigo unico.*—Os mancebos catholicos que frequentam os estudos theologicos não serão chamados ao serviço militar em tempo de paz, antes de 1 d'abril do 7.º anno militar. Se, durante essa epocha, receberem o subdiacnato, serão collocados na reserva e serão dispensados dos exercicios periodicos.

«Em fé do quê, assignamos, etc.»

O Soberano Pontifice agradeceu ao imperador esta singular garantia ao clero, e mais uma vez as nações catholicas receberam uma severa lição, infligida por uma nação protestante. Oxalá ella aproveite; porque se é desprezada, saibam as nações catholicas que Deus continuará a punil-as até que se convertam ou as destrua. Babilonia e Ninive sirvam de aviso. O Deus que em nós reina, é o mesmo que foi rigoroso com a primeira e indulgente com a segunda. O *Liberalismo*, a grande heresia moderna, poz a Deus fóra do palacio das leis, deu-lhe demissão como a um funcionario caído em desagrado.

Legisladores microscopicos arvoraram se em juizes do LEGISLADOR SUPREMO e delimitaram-lhe a esphera, quando lh'a não suprimiram ou de todo a negaram. Crime horrivel, que em tempo algum se encontrou acotyado das negras circumstancias dos tempos modernos. E de quem é a culpa? E' complexa, muito complexa a causa de tantos males que hoje minam as sociedades. A culpa carrega seriamente sobre os que legislaram e sobre os que se não revoltam contra a lei, politica

ou civil, todas as vezes que se oppo- nha á lei divina ou ecclesiastica. Assim foi em todos os tempos; assim o accentua categoricamente o Sancto Padre Leão XIII em sua ultima Encyclica. «E' um crime, diz o Sancto Padre, querer subtrahir-se á obediencia devida a Deus para agradar aos homens; conculcar as leis de Jesus Christo para obedecer aos magistrados; desconhecer os direitos da Igreja sob pretexto de acatar a lei civil.»

Oh! se o povo portuguez escutasse, como lhe cumpre, as leis do supremo Pastor, para breve pudermos saudar em nossa patria dias de consoladora paz e plena prosperidade.

França.—Os politicos governantes, cansados de transportarem á cova o esquife da republica, deram a vez aos collegas, que, de má vontade, lançaram mão ás argolas a instancias reiteradas do pobre dorido, o snr. Sady Carnot. De presente carrega o fardo sobre Freycinet, presidente do conselho e ministro da guerra; Constans, ministro do interior; Fallières, ministro da justiça; Ribot, dos negocios estrangeiros; Rouvier, da fazenda; Barbey, da marinha; Bourgeois, da instrucção publica; Develle, da agricultura; Roche, do commercio; e Ivens Guyot, das obras publicas.

A situação concernente a haver mais ou menos ordem, ficou a par do antecedente. Dos dois ministerios se pode dizer

Arcades ambo:

Et cantare pares, et respondere parati.

O presidente, Freycinet, foi um dos mais strenuos propugnadores da lei infame que obriga os seminaristas ao serviço militar. *Odieux Freycinet! s'est engagé à fin que le service des séminaristes fut une année de casernes!*

Ribot, com farda de moderado, ha bem pouco tempo, esgrimia rudemente na camara contra Monsenhor Freppel, por este affirmar que o padre, em materia eleitoral, possuia os mesmos direitos que outro qualquer cidadão, e que no exercicio de sua missão fruia o direito de, sem se referir a personalidades, recordar aos fleis a obrigação de votar, mas sob condição de excluir quem fosse hostil á Igreja e aos interesses da religião.

Os outros... os outros são collegas d'estes.

Caso singular.—O principe R..., italiano, quotidianamente dava exercicio a seus cavallos n'um pateo adjacente a uma casa de campo. Ha pouco o solo do pateo abateu repentinamente, e com elle oito cavallos e oito cavalleiros desappareceram no abyssmo que de repente se abriu, morrendo todos aquelles seres vivos victimas da

pó que se levantara, chegou a suppor-se que tão extraordinario phenomeno proviera d'uma erupção vulcanica.

Congresso Catholico em Braga.—A cidade de Braga emprehende, em continuação ao Congresso Catholico do Porto, realizar na presente primavera um notavel Congresso, como incitamento á união dos catholicos e em harmonia com a vontade expressa do Santo Padre Leão XIII, cujos esforços em despertar os fleis do marasmo em que jaziam, teem sido por toda a parte coroados do mais brilhante exito. Emquanto as seitas impias se decompõem na torpeza que lhes é peculiar, surjam os catholicos, unidos, inabalaveis, cheios de abnegação e prestes ao sacrificio, obedecendo á voz de seus chefes, os venerandos Prelados e o Pontifice Superiorano.

O Congresso de Braga, tendo como presidente effectivo o Ex.^{mo} Arcebispo, e por vogaes personagens distinctissimos, promette seguros resultados de altissima efficacia. Seja intima a união entre os vogaes e seu digno presidente, que o Congresso braccarense será, como desejamos, uma pagina aurea na historia da Roma portugueza.

Seminario de Santo Antonio e S. Luiz Gonzaga.—Este notavel estabelecimento de instrucção e educação ecclesiastica, verdadeira gloria do R.^{mo} Padre Joaquim Fernandes Lopes, realizou o desejado melhoramento de ter um uniforme condigno para seus alumnos. E' a balina com murça, fxa e sapato de flvella, operado tudo, com grande economia de preço, na Officina de S. José, da cidade do Porto. As offerendas generosas, enviadas áquelle estabelecimento, desde o principio de fevereiro subiram a 132500 reis em dinheiro, além de varios donativos em generos.

Parabem sincero aos benemeritos d'aquella casa.

Feize de noticias.—A' conferencia de Berlim, a que n'outra parte nos referimos, foi enviado como representante de Portugal o snr. Oliveira Martins.—O Sancto Padre, não enviando ninguem oficialmente á conferencia, será todavia informado convenientemente por um prelado allemão Mons. Kopp, bispo de Breslau, para este fim indigitado pelo imperador.—Terremotos continuados tem levado o pavor aos povos da Hespanha meridional, tanta vez provados por este terrivel flagello.—A praia de Espinho, derruida pelo mar desde novembro ultimo, soffreu novo ataque ha poucos dias. Sobem já a 150 as casas desmoronadas, attrbuindo-se o desastre ás obras de Leixões que determinaram uma variante nas correntes maritimas.—A academia da juventude catholica, de Valencia, enviou ao Sancto Padre uma notavel

mensagem por ter sido o dia de S. José declarado sanctificado. Merece congratulações sinceras.—Chegou a Lisboa a embaixada de Maputo. Vem pedir se renove, para aquelles povos, o protectorado portuguez. Ainda a estes não eivaram influencias britanno-protestantes.—Dois males da Russia: o nihilismo e a *nona*. Esta doença, de que a *influenza* apenas foi a precursora, ha feito estragos em varias regiões e tem de a propagar-se na Italia, Austria e Hungria. Em Cépín, cêrca de Esseg, tem morrido varias pessoas: um somno prolongado, de tres ou quatro dias, e em seguida a morte. Causa o mal o pão fabricado de milho derrancado. Haja cuidado portanto.—O imperador da Alemanha, visitando Constantinopla, foi recebido com tal apparato que as finanças ottomanas levaram desfalque medouho. O imperador, em indemnisação, enviou ha pouco ao grão-turco cinco cavallos, carregados de presentes. Sirva isto de licção: cada qual com seu equal.—No Brazil foi decretado o casamento civil, sem impedimento entre tio e sobrinha, nem entre primos co-irmãos! Faltou um passo para que se decretasse a homens a lei dos irracionaes. Que a moralidade não detivesse os dictadores, vamos: a moralidade não é o seu forte. Mas que a sciencia, que nos descreve tão fataes exemplos de cretinismo, isso nos admira!... ou não admira nada, porque *initium sapientie timor Domini*, e o *timor Domini* abandonou aquelles picaros legisladores.—O digno snr. Arcebispo de Burgos (Hespanha) censurou o *El Popular*, periodico da localidade, e de prompto as damas d'aquella cidade subscreveram uma declaração solemne, que era protesto violento contra o impio jornal e adhesão sincera e franca á decisão do Prelado. Pastores d'estes, e ovelhas assim, eis o ideal perfeito da grey christã.—O rei de Dahomey participou ao chefe da missão franceza, que nas festas de sua aclamação seriam sacrificados 5:000 captivos! Ah! falseia a verdade quem ao seculo XIX chama o seculo das luzes. O rei fez varias excursões nos terrenos continantes do Senegal, sendo repellido pelas tropas francezas. Ora este reinho, tão máo, que, para distracção faz trucidar 5:000 captivos, não é um selvagem, como julgam: é um *civilizado*. Foi educado em França, no lyceu de Marselha (1). Mas como alli nunca lhe falaram de Deus, nem da lei que nos outhorgou, o estudantinho Gléglé (é este o seu lindo nome) saiu aquelle ferino algoz africano. Não admira: os educadores *laicalizados* igno-

(1) Os lyceus em França divergem dos nossos. São verdadeiras collégias por conta do Estado, com internato.

ram que *insuper universæ terræ rex imperat servienti*.—O duque d'Orleans, preso em Clairvaux, instou para que lhe permittissem ouvir missa aos domingos. Como preso politico, não tendo ingresso na capella da prisão, obteve do Prelado, Monsenhor de Troyes, que o capellão do carcere binasse nos aposentos do principe.—Um episodio da lei militar franceza: Houve nas ultimas temporas ordenação n'uma diocese de França. O bispo reuniu os ordinandos para a cerimonia, estando presentes os paes e os alumnos do seminario. Seis dos jovens levitas, para evitar a para elles infamia do serviço militar, recebidas as ordens, iam expatriar-se. Por isso n'elles, particularmente, se fitava o olhar dos assistentes. O venerando bispo, na exortação costumada, não se teve sem se dirigir, de modo especial, a estas primeiras victimas d'uma lei cruel. Fez lhes suas despedidas e suas recommendações. A dôr porém attraçou-o, as lagrimas correram-lhe abundantes, e todos os assistentes romperam n'um côro de soluços entrecortados. Geral a profundissima emoção!

No entanto, nas colonias indiatias, ás quaes a lei impera igualmente, para os mancebos aspirantes a sacerdo-

tes de Boudha, o cumprimento d'esta lei é puramente voluntario!!!

Estes hediondos governantes seguem à risca o lemma de Voltaire: *Ecrasons l'infame*. Para elles, no emtanto, soará affim a hora solemne das tremendas justicas.

Março—22.

M. F.

ANNUNCIOS

BONS LIVROS

A ESTRELLA DE NAZARETH, lendas e narrativas da Terra Santa sobre a Santissima Virgem; 5 volumes com magnificas gravuras de pagina.... 2\$500

CANCIONEIRO DE LEÃO XIII ou os versos latinos e italianos de Sua Santidade, postos em rima portugueza e precedidos da sua biographia e retrato; 1 grande vol. de luxo..... 2\$500

A MULHER CRISTÃ desde o nascimento até à morte. Estudos e conselhos por madame M. de Marcey, 1 grosso vol..... 500

O ANJO DA TORRE. Narrativa do tempo de Isabel, rainha de Inglaterra,

1 vol..... 500

João de Lemos

A IGREJA CATHOLICA e o seu clero regular e secular nas sciencias, nas letras e nas artes; um grosso vol. de trezentas e tantas paginas.... 500

ENTRETENIMENTOS DO CORAÇÃO DEVOTO COM O SANTISSIMO CORAÇÃO DE JESUS, pelo padre Theodoro de Almeida, 1 vol. encadernado.. 400

A' venda na LIVRARIA CATHOLICA PORTUENSE, editora, rua da Picaria n.º 85 e em Guimarães na de Teixeira de Freitas, e nas principaes livrarias do reino.

CONDE DE SAMODÃES

O MEZ DE MAIO

Consagrado à SS. Virgem

Auctorizado e approvedo pelo Em.^{mo} Cardeal Bispo do Porto, que concede 100 DIAS DE INDULGENCIA por cada leitura da Meditação de um dia.

(UNICA OBRA N'ESTE GENERO INDULGENCIADA)

PREÇO, ENCADERNADO, 400 RÉIS

A' venda—Em Guimarães—Na livraria Internacional de Teixeira de Freitas (successores).

EMPRESA EDITORA DE FRANCISCO ARTHUR DA SILVA — RUA DOS DOURADORES, 72 — LISBOA

Manual do Christianismo

UNICO LIVRO DE RESAS APPROVADO E ESPECIALMENTE RECOMMENDADO PARA USO DOS FIEIS

Pelo Ex.^{mo} Arcebispo de Mitylene no impedimento do Em.^{mo} Cardeal Patriarcha de Lisboa
Pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Bispo d'Angola e Congo, actual Patriarcha de Lisboa, que concedeu por cada dia

40 dias de indulgencias a quem fizer uso de tão util e piedoso repertorio

Pelos Em.^{mos} e Ex.^{mos} Prelados Cardeal Bispo do Porto; Arcebispos: Primaz de Braga; de Evora;

Bispos: Conde de Coimbra; de Lamego; de Angra; do Funchal; de Cabo Verde;

Vigarios Capitulares: de Vizeu; da Guarda; do Portalegre; de Leiria; de Faro.

Ordenado e consideravelmente augmentado pelo rev.^{mo} Padre Prospero Luiz Peragallo, Cura da Igreja de Nossa Senhora do Loreto, de Lisboa, e por A. da Silveira Pinto, Commandador da Ordem de S. Gregorio Magno, de Roma.

NONA EDIÇÃO

Fôrma este precioso livro um elegante volume in-32.º—de 936 paginas, nitidamente impresso em bom papel—contendo: 1.º Grande numero de orações indulgenciadas para todas as devoções—2.º Parochiano Romano, comprehendendo todas as Missas dos Domingos, e as das Festas de Christo, da Virgem Maria, e dos principaes Santos de maior devoção.—3.º Os Officios e Missas da Semana Santa, na sua integra.—Um lindo frontespicio colorido, com 10 gravuras e muitos emblemas religiosos.

IMPORTANTE—Não se confunda este livro de rosa com os publicados até hoje, por ser este o mais completo e unico que reune o conteúdo de tres livros.

Grande variedade de encadernações para todos os preços

Carneira, 600; Percoline, 700; Marroquim, 800; dourado por folhas, 1\$300; com feixo, 1\$100; com cantos e feixo, 1\$300; com cantos, emblemas e feixo, 1\$400 e 1\$500; Chagrin dourado por folhas, 1\$200; com feixo, 1\$300; com dois feixos, 1\$500; com arcos, 1\$600; com dois elegantes feixos grandes, 1\$800 a 2\$000 réis.

OFFICIOS E MISSAS DA SEMANA SANTA EXTRAIDOS DA OITAVA EDIÇÃO DO

MANUAL DO CHRISTIANISMO

Um bonito volume in-32.º, 328 paginas com todos os officios e missas da Semana Santa, frontespicio colorido, e 4 gravuras, encadernado em percaline, 400 réis

Remette-se qualquer d'estes livros, franco de porte, bem acondicionados, a quem mandar em vales ou estampilhas do correio, a importancia do pedido á Empresa Editora de Francisco Arthur da Silva, Rua dos Douradores, 72—Lisboa. Para o estrangeiro e ultramar addicionar-se-ha aos preços marcados mais 10 por cento para o excesso do porte. Os preços marcados são em moeda forte.

A' venda em todas as livrarias.—Em Guimarães—na de Teixeira de Freitas, successores—rua de S. Damazo, 5 a 9.